



UM APÓLOGO DE MACHADO DE ASSIS: DAS FORMAS SIMPLES A TEORIA LITERÁRIA

Kathleen Costa Martiliano¹

Layna Mykaelly Rodrigues Pereira de Oliveira²

Nádia Maria Eduardo da Silva³

Margareth Torres de Alencar Costa⁴

INTRODUÇÃO

Entre os diversos gêneros narrativos presentes na literatura, o conto, em seu sentido etimológico, possui significado de estória curta, simples boato que se propaga sem que se saiba se é exato ou verídico JOLLES (1976, p. 182). Como forma literária, conto assume esse sentido quando os irmãos Grimm publicam uma coletânea de narrativas com o título: *Contos para Crianças e Famílias* a coletânea utilizava-se das características supracitadas e introduz o conto como forma simples, como exemplifica JOLLES (1976, p. 183): “o Conto é, precisamente, a forma que requer um estudo prévio, que introduz um debate de princípios básicos sobre a língua e a poesia, e que propicia simultaneamente, a conclusão e a introdução a todas as formas simples.”

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Neste trabalho realizamos uma pesquisa bibliográfica para entendimento das principais teorias acerca do gênero conto, e a correlação dos estudos vigentes sobre a relação entre o conto *Um Apólogo* e os conceitos da teoria literária.

REFERENCIAL TEÓRICO

Machado de Assis escreveu o conto *Um Apólogo*, durante o realismo, e neste período o foco se situa na observação do ambiente, dos comportamentos, e tratar o homem e a sociedade a partir disto. Ao apresentar este conto, o autor, usando do recurso da presença da moral, característico do gênero, faz duras críticas a sociedade.

¹ Graduando do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, kcmartiliano@aluno.uespi.br

² Graduando do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, lmykaellyrpereiradeo@aluno.uespi.br

³ Graduando do Curso de Letras-Espanhol da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, nmariaedasilva@aluno.uespi.br

⁴ Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, margarethtorres@cchl.uespi.br.



De fato, ao tratarmos o conto em sua gênese, remetemo-nos aos irmãos Grimm, em sua coletânea, que é pretexto de um conflito literário, que resulta na classificação da forma do conto, pois em seu constructo, o conto não se assemelha a literatura contemporânea e tratado mais como “histórias de tradição popular”, em vias de regras, o objetivo da forma conto se situa em um amálgama de duas tendências humanas, aquela que busca o verdadeiro e o natural e a que corresponde ao anseio de maravilhoso. JOLLES (1976, p. 193)

O que de fato o autor defende é que, o conto não só performa uma forma literária, que ele denomina como Forma Simples, como ele é o “início” de todas as formas simples, e JOLLES (1976, p. 194) o explica como: “as leis de formação do conto são tais que, sempre que ele é transportado para o universo, este transforma-se de acordo com um princípio que só rege esta Forma e só é determinante para ela.” Isto significa que no conto, assim como em todas as Formas Simples, uma “nova transformação em sua natureza” não influencia no entendimento do seu significado, em outras palavras, “qualquer pessoa” pode contar um conto, ou qualquer outra Forma Simples. Tal característica não se aplica a um poema, por exemplo, pois este gênero é de Forma Artística, mas o seu estudo não é o objetivo deste trabalho.

A escolha do gênero da fábula, dá certa liberdade ao intuito do escritor, isto porque a fábula, se encaixa na teoria do formalismo russo que destaca que, a fábula é a história narrada e a trama a história construída BONICCI E ZOLIN (2005, p. 36) vai exemplificar fábula como: “a síntese da história a partir das relações de causa-e-consequência que facilitam a sua compreensão por outras pessoas.” e, por conseguinte, a trama como ZOLIN (2005, p.36): “a trama de uma narrativa revela, ao ser identificada, o trabalho de criação do escritor, as escolhas textuais que ele fez para contar a história desta ou daquela maneira, criando este ou aquele efeito.”

Presente na fábula, a “moral da história” vai exercer papel primaz na obra de Machado de Assis, isto porque ela vai abordar o cerne da justiça do homem, e JOLLES (1976, p. 198) ao citar a obra de *Charles Perrault* a explica: “[as morais da história] tendem a mostrar a vantagem que existe em sermos honestos, pacientes, refletidos, trabalhadores, obedientes, e o mal que recai a todos que não o são” e sobretudo, a importância desse aspecto ao defender que JOLLES(1976, p. 198): [as morais das histórias] satisfazem, ao mesmo tempo, o nosso pendor para o maravilhoso e o nosso amor ao natural e ao verdadeiro mas, sobretudo, porque as coisas se passam nessas

histórias como gostaríamos que acontecem no universo, como deveriam acontecer.” E é neste ponto que a obra de Machado de Assis é bastante sagaz.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto *Um Apólogo* é uma fábula que narra a história das personagens linha e agulha, e BONICCI e ZOLIN (2005, p. 50) a especifica: “como elas estão animizadas, isto é, apresentando atributos humanos, estamos diante de um tipo específico de conto: o apólogo (conto maravilhoso protagonizado por objetos)”. O apólogo, que a princípio pode ser confundido com a fábula, pois possui como característica a presença de uma moral, esta que, tem por finalidade abordar uma questão ética da vida real, diferenciando fábula e apólogo pela narrativa, Moisés (2004, p. 34) diz: “contudo, há quem a distinga pelas personagens: o apólogo seria protagonizado por objetos inanimados [...], ao passo que a fábula conteria, de preferência, animais irracionais.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise da obra e levando para o contexto social a crítica estabelecida pode ser apropriada em vários aspectos da vida desde os anos iniciais da escola, até mesmo no aspecto profissional onde quem serve de base ou ajuda para chegar ao objetivo final, ganha menos crédito ou nenhum de quem o finaliza.

No texto o autor utiliza o uso de metáforas em vários momentos do texto. O que de início pode parecer que se trata apenas de uma disputa entre uma agulha e uma linha para saber quem é mais importante, mas na verdade temos uma outra visão a respeito da obra.

Fazendo uso de analogia, podemos ponderar o texto imaginando que a costureira é uma empreendedora do ramo da moda, cujo a roupa é o produto a ser vendido, e a baronesa a consumidora final. Podemos reparar que seguindo esse contexto a linha, a agulha e o alfinete seriam os trabalhadores da empresa. A agulha apresenta-se como uma trabalhadora que faz todo o trabalho pesado, o alfinete aparece como um trabalhador que está apenas preocupado em fazer o seu trabalho, e a linha representa aqueles que já encontram o caminho preparado pelo esforço do outro. E isso fica evidente quando é destacado que a agulha “*não tem cabeça*”, ou seja, ela só faz o que lhe é ordenado. E quando a linha diz: “- *Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile*” entendemos que ela recebeu todo o mérito pelo trabalho da equipe. Seguindo essa premissa, percebemos que



as vezes quem recebe o crédito do trabalho é que faz o trabalho refinado, que venha a obter um resultado mais satisfatório, inflando o ego de quem o executa, e o trabalhador de base que na maioria das vezes é quem fez o trabalho mais pesado não é creditado, podendo ser descartado.

Palavras-chave: Formas Simples; Apólogo, Lição de Moral.

REFERÊNCIAS

Bonicci, T. Zolin, L. O. Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporânea. 2. ed. Maringá: **EDUEM**, 2005

Jolles, A. Formas Simples. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: **Cultrix**, 1976

Moisés, M. Dicionário de Termos Literários. 12^a ed. São Paulo: **Cultrix**, 2004